

Academia dos Rebeldes e o modernismo literario na Bahia, nos anos 1920.

Luis Rossi.

Cita:

Luis Rossi (2007). *Academia dos Rebeldes e o modernismo literario na Bahia, nos anos 1920*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1213>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/edCQ/npf>

XXVI Congresso ALAS – Guadalajara, México
Associação Latino-americana de Sociologia
13 a 18 de Agosto de 2007

Grupo de Trabalho: Pensamento Latino-americano e Teoria Social

Academia dos Rebeldes: notas sobre literatura e modernismo, na Bahia.

Luiz Gustavo Freitas Rossi.¹

Introdução

A apresentação tem como objetivo esboçar alguns dos elementos que ajudam a construir um quadro de explicações e hipóteses – ainda que num esquema parcial e exploratório – sobre a formação e atuação de um grupo de intelectuais brasileiros, conhecido como *Academia dos Rebeldes*.² Formado nos últimos dois anos da década de 1920, na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, esta *academia* contou com a participação de jovens membros de suas elites regionais, todos desejosos em construir um nome próprio na prática literária. Entre seus participantes, cujas idades variavam entre os 16 e 28 anos, estavam: Édison Carneiro (1912-1972), Jorge Amado (1912-2001), Aydano do Couto Ferraz (1914-1985), Clóvis Amorim (1912-1970), João Cordeiro (1905-1938), José Alves Ribeiro (1900-1968), Walter da Silveira (1915-1970) e, por último, o único acima dos 30 anos e espécie de “líder espiritual” do grupo, Pinheiro Viegas (1865-1937).

Neste sentido, o foco da análise privilegia duas frentes de investigação, com sensíveis ligações entre si: de um lado, busca-se pontuar alguns critérios de localização social, política e intelectual da *Academia dos Rebeldes*, no interior da sociedade baiana, evidenciando os espaços de sociabilidade e os códigos que conferiram identidade ao grupo; de outro lado, trata-se de realizar uma leitura das duas revistas lançadas pela *Academia dos Rebeldes*: a primeira, *Meridiano*, de 1929, que não passou de seu primeiro e único número, e a segunda, *O Momento*, de maior duração, que circulou entre os anos de 1931 e 1932, com nove números publicados. Misto de literatura, crônica política e columnismo social e mundano, estas revistas

¹ Aluno do Doutorado em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista da Fundação e Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² O tema abordado neste texto, vale dizer, é o resultado de um conjunto de reflexões desenvolvido como parte de uma pesquisa em andamento sobre a trajetória e a obra de Édison Carneiro; intelectual brasileiro, nascido na cidade de Salvador (Bahia), cuja atuação e produção, entre os anos de 1930 e 1960, se inscreveu no conjunto mais amplo dos estudiosos das relações raciais, do folclore e da cultura e religiosidade afro-brasileira.

revelaram-se altamente expressivas do tipo de inscrição das elites e da sociedade baiana num cenário mais amplo de debates, na virada dos anos de 1920 e 30: em especial, aqueles relacionados aos efeitos da modernidade na paisagem social brasileira e suas “interferências” na formulação de novos veios expressivos e modelos de produção estética na prática literária.³

Acredito que a análise da *Academia dos Rebeldes*, nucleada nas articulações entre as experiências sociais e a produção intelectual e literária de seus membros, constitui a chave de leitura acertada para uma investigação da vida intelectual. Esta perspectiva busca se apoiar em alguns trabalhos exemplares desenvolvidos no âmbito da sociologia dos intelectuais, da história social da arte e mesmo de uma chamada “etnografia do pensamento”, dos quais são representativos Pierre Bourdieu (1996), Norbert Elias (1995), Raymond Williams (1999), Michael Baxandall (1991), Carlo Ginzburg (1989) e Clifford Geertz (1997), entre outros. No que pese as especificidades temáticas e metodológicas de cada um deles, pode-se dizer que esses autores revelam uma sensível afinidade analítica: a saber, a de que a inteligibilidade das atividades culturais e intelectuais encontra-se fundamentalmente atrelada ao trabalho de rastreamento das condições históricas e sociais de sua produção.

Deste modo, a recuperação das atividades da *Academia dos Rebeldes*, vistas de maneira conjugada às coordenadas de ordem social e política que formataram sua inserção no interior das elites da vida intelectual, da Bahia, permite uma maior controle analítico sobre meus materiais empíricos, fugindo às ciladas do anacronismo e das visões *a posteriori* sobre o grupo. E, neste sentido, espera-se evidenciar alguns dos eixos que estruturaram uma visão essencialmente “ambivalente” desses jovens, com relação às transformações da sociedade brasileira, percebidas naquele momento como decorrentes da modernidade. Ambivalência que, num mesmo sentido, podia ser observada nos partidos formais e núcleos temáticos das partes literárias de suas revistas, mostrando-se receosos em abandonar modelos estéticos que

³ A análise das “reações” da Bahia neste debate sobre modernidade e modernismo literário, no Brasil dos anos de 1920 e 30, pretende-se somar a um conjunto de estudos produzidos pelas ciências sociais, pela historiografia e crítica literária brasileiras, os quais investigaram as diferentes feições e os diferentes significados que recobriram a modernidade artística e literária, no Brasil, resultado da atuação de grupos intelectuais de localizações distintas. Vale dizer, muitos destes estudos insistiram na necessidade de, no Brasil, se relativizar o peso e o papel conferido ao movimento modernista, em São Paulo, que por uma série de razões, converteu-se numa espécie de marco iniciático e modelo paradigmático da modernidade literária brasileira, com o qual se pensava o restante de sua literatura, pós-1922 (ano que se realizou a importante *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo). Longe de esgotar a bibliografia sobre o tema, para o caso de São Paulo, consultar, Antonio Candido (1989 e 2000), Alfredo Bosi (1994), Sergio Miceli (2001 e 2004), Afrânio Coutinho (2001) e João Luiz Lafetá (2000); para o Rio de Janeiro, ver Ângela de Castro Gomes (1999); Pernambuco, ver Gilberto Freyre (1976) e, finalmente, para o caso da Bahia: Cid Seixas (1996 e 2006), Ivya Alves (1978), Monalisa Valente (2004) e Ângelo Barroso Soares (2005).

passavam a carregar o peso de “passadistas”: em especial, o soneto e suas referências às musas inacessíveis e aos poetas lacrimosos.

Salvador: cidade dos sonhos

Talvez, um dos primeiros procedimentos que permite qualificar melhor estas ambivalências, marcantes nas revistas da *Academia dos Rebeldes*, seja o de iluminar os códigos sobre os quais seus membros forjaram uma identidade enquanto grupo, bem como assinalar aqueles que, para tanto, lhes serviram de contraponto. Afinal, como em todo processo de construção identitária, a identidade intelectual se viabiliza de maneira contrastiva e situacional e, portanto, se esses jovens se auto-nomeavam como “rebeldes”, essa rebeldia somente adquire sentido, quando se tem algo ou alguém contra o qual se rebelar. O contraponto mais imediato, neste sentido, diz respeito a uma distinção que buscaram fazer com um outro grupo local, chamado *Arco & Flexa*. Numa dimensão mais aparente, mas também superficial, a rivalidade entre esses dois grupos parecia se realizar em termos exclusivamente literários. Ambos formados em 1928, *Arco & Flexa* e *Academia dos Rebeldes* invocavam o posto de pioneiros na inovação das letras locais e responsáveis pelo alinhamento da Bahia no cenário brasileiro mais amplo dos debates sobre o “espírito novo” do modernismo.⁴

Ao mesmo tempo, injetando ânimo nesta rivalidade, os *rebeldes* operavam uma diferença que se realizava pelas distâncias que cada grupo guardava das principais instituições consagradoras da vida intelectual, cultural e literária baiana. *Arco & Flexa* somente se consolidou e conseguiu lançar uma revista com o mesmo nome, graças ao prestígio de seu líder que, considerado o mais importante crítico naquele contexto, foi membro fundador, em 1917, da Academia de Letras da Bahia e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do estado.⁵ Neste sentido, contrapondo-se à inserção de *Arco & Flexa* nessas instituições culturais, os *rebeldes* encontram-se relegados aos espaços boêmios e mundanos, como os

⁴ “A bahia [...] não podia fechar as pálpebras ante esse movimento intenso de nacionalidade de que aceita a orbe [...] o espírito novo, o cunho moderno é tão vibrante como necessário” (CHEVALIER, 1928: 22).

⁵ Tratava-se de Carlos Chiacchio (1894-1947). Ainda, sua trajetória esteve ligada a outros grupos que, nos anos de 1910, anterior à fundação da Academia de Letras local, concentravam as atividades culturais e literárias, realizando salões nas casas da elite, no Instituto Histórico e nos circuitos mundanos dos cafés e bares. O que rendeu a Chiacchio o papel de um importante “animador” cultural. Ver Dulce Mascarenhas (1979) e Ivya Alves (1978).

redutos privilegiados de sua sociabilidade intelectual.⁶ Contudo, sobreposta a esta distância simbólica e institucional, existia uma outra, só que desta vez eminentemente política, a partir da qual se revelava a inscrição de cada um dos grupos entre as duas principais facções da oligarquia local, que controlaram a política do Estado entre os anos de 1912 e 1930.

A grande maioria dos membros da *Academia dos Rebeldes* conseguiu uma colocação na imprensa baiana e, por conseqüência, suas primeiras aparições literárias a partir de seus laços de fidelidade, parentesco ou mesmo apadrinhamento aos setores políticos que se encontravam, naquele ano de 1928, em franca “oposição” ao governo local.⁷ Neste sentido, ainda que não verbalizado – tanto na época, quanto em registros posteriores de seus ex-membros – esta relação cifrada que unia a *Academia dos Rebeldes* às lutas políticas, talvez, lance luz aos parâmetros com os quais essa *rebeldia* ganhou forma e conteúdo. Afinal, amargando esta dupla sujeição, política e intelectual, não espanta o fato da *Academia dos Rebeldes* ter conseguido dar feição ao seu primeiro empreendimento editorial, em setembro de 1929, com a revista *Meridiano*. Ou seja, momento em que começava a repercutir na Bahia, especialmente nas facções políticas locais, contrárias ao governo estadual, os primeiros ventos de uma aliança nacional encabeçada pelo estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul (MICELI, 2001 e FAUSTO, 1987). Neste contexto de bandeiras de “reformas” e “moralização” eleitorais, bem como do refreamento do domínio das oligarquias rurais na condução da política brasileira, que os membros da *Academia dos Rebeldes* sentiram-se suficientemente amparados para se colocarem, também, como possíveis “reformadores” da literatura local e mesmo de “regeneradores” de suas elites.

No primeiro e único número da revista, *Meridiano*, pode se ler o manifesto do grupo, intitulado “Itinerário”: “Meridiano surge e inicia combate a tudo o que retarda a marcha do progresso, em todas as manifestações do espírito humano [...] Obra de regeneração moral e

⁶ Isto não significa dizer que não circulavam ou se organizavam outros grupos na boemia baiana, a ponto dos membros de *Arco & Flexa* e *Academia dos Rebeldes* freqüentarem cafés e bares em comum. Contudo, é interessante ilustrar uma observação feita por um ex-integrante da primeira agremiação, onde relembra os benefícios mundanos de contar com a proteção de Carlos Chiacchio: “no teatro Kursal havia uma francesinha linda, que declamava Mallarmé [...] Essas mulheres vinham recomendadas a Chiacchio, que era um tremendo boêmio e lhes dava proteção. Através de Chiacchio nos aproximamos de muitas delas. Daí não termos muito contato com as mulheres da chamada baixa prostituição [...] As nossas diferenças [com relação a *Academia dos Rebeldes*] eram em termos de literatura. E de boêmia. Ao contrário de nós, eles freqüentavam bordéis populares, eram grandes farristas, chamavam a atenção” (CARVALHO FILHO, 1999: XXVI).

⁷ Édison Carneiro e José Alves Ribeiro foram representativos dos laços que os uniam aos “desalojados” do poder. Carneiro, nascido em Salvador, era filho de um engenheiro, cuja família há tempos vinha prestando serviços a J. J. Seabra, político baiano, que dominou a política do Estado entre os anos de 1912 e 1924; José Alves Ribeiro, do interior do estado e originário de uma família de pequenos proprietários rurais que parece concretizar seus estudos graças ao apadrinhamento de Joel Presídio, diretor de *O Jornal*, também órgão da oposição local, onde Alves Ribeiro iniciou-se no jornalismo.

intelectual. Espírito moderno. Dinamismo. Século vinte” (MERIDIANO, 1929: 03). *Meridiano* buscou contemplar temas que lhes pareciam fundamentalmente modernos: ensaios sobre psicanálise, o feminismo, o nacionalismo, o jazz e a velocidade nas cidades. Inclusive, de autoria de Alves Ribeiro, encontra-se um “poema instantâneo”, onde o poeta caracteriza o “futurismo” como uma mulher que, conforme se desloca pelas ruas elegantes da cidade, em passos “nervosos e bambaleantes”, produz uma “estranha harmonia” (RIBEIRO, 1929: 28). Em outro texto, Jorge Amado decretava o fim dos poetas “da lua e da saudade”, numa referência irônica às poesias de amor e aos poetas chorosos, idealizadores de “lindas donzelas”. Contudo, para além dessa euforia “regenerativa”, muitas vezes nas entrelinhas da revista, observa-se a existência de um certo incômodo, ou mesmo, uma espécie de dificuldade em pensar a modernidade. É como se, em determinados momentos, esses jovens fossem tomados por sentimentos mistos de frustração e incapacidade de vivenciar plenamente todo o “dinamismo” ou a “marcha do progresso” que a modernidade prometia. E, portanto, como mencionado no começo do texto, percebida como um fenômeno essencialmente ambivalente.

Decerto, esses poetas, ensaístas e cronistas não podiam e não conseguiriam ignorar, mesmo em seus textos mais fantasiosos, um pesado ambiente de decadência que, desde meados do século XIX, rondava a Bahia e, mais especificamente, sua capital. De uma Bahia opulenta e prestigiada durante o Império, com a maior representação parlamentar na corte, assistia-se ao declínio de um estado que chegava à década de 1930, assolada por sucessivas crises em sua economia agro-exportadora (açúcar, tabaco e algodão) e que, cada vez mais, perdia espaço político no conjunto da federação (MATTOSO, 1992, TAVARES, 2001 e GUIMARÃES, 1982). Na capital, em 1912, conseguiu-se experimentar um pequeno “surto” modernizante em sua malha urbana, com o alargamento e abertura de avenidas, mas não o suficiente para alterar sua fotografia colonial e pouco funcional (PINHEIRO, 2002).⁸

Quando em 1931, a *Academia dos Rebeldes* lançou sua segunda revista, *O Momento*, Édison Carneiro escreveu uma crônica em que percebeu, talvez melhor do que qualquer outro do grupo, a persistência do aspecto decadente que os traços coloniais gerava à Salvador: “Dominando tudo esta a Sé [trata-se do nome de uma igreja], pesada, solene, patriarcal. É o bairro pobre que o progresso esqueceu. As casas apresentam [...] certidão de identidade. São

⁸ “O tecido urbano do centro de Salvador praticamente não muda [...] após as intervenções. A abertura da Avenida Sete de Setembro e as intervenções em outras ruas produzem-se por meio do alargamento de vias já existentes, de forma que a malha urbana não sofre alterações”. (PINHEIRO, 2002: 291).

velhas, centenárias [...] 1500 em pleno século XX. A velha cidade de Salvador [...] em toda a sua pureza primitiva” (1931b: s/d). Paradoxalmente, o progresso faz com que, cada vez mais, a Bahia fosse percebida e definida num registro inverso: ou seja, como o estado da tradição, onde o passado sobrepõe-se com todo o seu vigor na realidade presente.

No que dizia respeito aos gêneros e modelos estéticos preferencialmente adotados por estes jovens da *Academia dos Rebeldes*, fica nítido a necessidade que tiveram de equacionar suas veleidades de “escritores modernos” às injunções impostas pelo tipo de inserção na vida intelectual, da Bahia: de um lado, concentrando o grosso de suas práticas literárias à crônica, aos contos e à crítica, gêneros mais próximos do tipo de trabalho que executavam na grande imprensa, de outro, desprovidos de maiores folgas financeiras ou de proteções de figurões da literatura local, conferindo às suas revistas feições bastante diversificadas, já que aparentemente dependiam exclusivamente da publicidade e de sua comercialização para que pudessem continuar circulando. Misto de poesias, de críticas e manifestos literários, crônica política e colunismo social, pode-se dizer que as revistas dos *rebeldes* tinham de “tudo um pouco”. Neste sentido, é significativo como o tipo de *modernismo literário* veiculado nestas revistas tinha que se justificar a partir de definições que comportassem certos “passadismos”, ainda fortemente arraigado no gosto, tanto dos *rebeldes*, quanto de seu público.⁹ Praticantes de sonetos e cultores da “rima”, buscaram manejar o debate sobre o modernismo, principalmente, nos termos de seus conteúdos. Condenando, como disseram, os “ismos importados do estrangeiro [e] de suas estéticas desorientadas” (MERIDIANO, 1929), numa referência crítica ao grupo modernista de São Paulo, que lhes pareciam excessivamente iconoclastas e talvez incompreensíveis, a *Academia dos Rebeldes* definiu-se como moderna, a medida em que defendia uma literatura de conteúdos brasileiros.

Deste modo, em boa medida, parnasiana e colonial, falar de modernidade neste contexto despertava sentimentos ambivalentes de amor e ódio, fascinação e frustração. Talvez, soando até como uma espécie de *impostura intelectual* do poeta e do escritor, uma vez que seriam incapazes de vivenciar a modernidade e experimentar todos os seus prazeres. Terminei o texto, justamente, com a citação de um *rebelde* que descreveu Salvador, justamente, como uma cidade dos sonhos, mas sonhos que parecem predestinados a não se cumprirem, pois se

⁹ O fato de conseguir veicular nove números de *O Momento*, me parece, é significativo da maneira acertada de como acertaram o “gosto” dos setores letrados da sociedade baiana, bem como do relativo sucesso “publicitário”, pois chegava a ser espantoso o número de propagandas na revista. Em sua maioria, de casas comerciais de Salvador.

tratava de um lugar que começava, cada vez mais, a viver apenas de suas glórias do passado: afinal, “cidade em que o último bonde parte á meia-noite, cidade onde a vida noturna, os *cabarets*, as lindas orgias dionisíacas, são sonhos irrealizáveis. Cidade parada em 1500. Cidade morta. Cidade que ficou parálitica e abismada a contemplar a vida dos santos, através de suas setentas e poucas igrejas [...] Cidade feita com os sujos pés [...] inúteis da civilização da Europa [...] Lixópolis”. (CARNEIRO, 1931a: s/d).

Fontes consultadas.

Arco & Flexa, n° 1-5, 1928-1929.

Meridiano. Salvador, n°1, setembro de 1929.

O Momento. Salvador, n° 1-9, 1931-1932.

Referências Bibliográficas.

ALVES, Ivia. (1978). *Arco & Flexa: contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador.

Fundação Cultural do Estado da Bahia.

BAXANDALL, Michael. (1991). *O Olhar Renascente: pintura e experiência social na pintura renascentista*. R.J, Paz e Terra.

BOSI, Alfredo. (1994) *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix.

BOURDIEU, Pierre. (1996). *As Regras da Arte*. São Paulo, Cia. das Letras.

CANDIDO, Antonio. (1989). “A revolução de 30 e a cultura”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática.

CANDIDO, Antonio. (2000). *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Publifolha.

CARNEIRO, Edison. (1931a). “Cidade-tradição”. *O Momento*. Salvador, 10 de agosto.

CARNEIRO, Edison. (1931b). “Lixópolis”. *O Momento*. Salvador, 15 de setembro.

CARVALHO FILHO, Luis de. (1999). “Arco & Flexa”. In: *Samba*. Salvador, Conselho Estadual de Cultura.

CHEVALIER, Ramayana. (1928). “Quando se quer lutar”. *Arco & Flexa*. Salvador, n°1, novembro de 1928.

COUTINHO, Afrânio & SOUZA, J. Galante de. (1989). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. R.J, F.A.E.

COUTINHO, Afrânio. (2001). *A literatura no Brasil: era modernista*. V.5, São Paulo, Global.

- ELIAS, Norbert. (1995). *Mozart: sociologia de um gênio*. R.J, Zahar.
- FAUSTO, Boris. (1987). *A revolução de 30: história e historiografia*. São Paulo, Brasiliense.
- FERREIRA, Monalisa Valente (2004). *Luva de Brocado e Chita: modernismo baiano na revista A Luva*. (dissertação de mestrado). Campinas, Unicamp/IEL.
- FREYRE, Gilberto. (1976). *Manifesto Regionalista*. Recife, IJNPS.
- GEERTZ, Clifford. (1997). “Como pensamos hoje: a caminho de uma etnografia do pensamento moderno”. In: *O Saber Local*. R.J, Vozes.
- GINZBURG, Carlo. (1989). *Indagações sobre Piero*. R.J, Paz e Terra.
- GOMES, Ângela Castro. (1999). *Essa Gente do Rio...Modernismo e Nacionalismo*. R.J, FGV.
- GUIMARAES, Antonio Sergio. (1982). *Formação e crise da hegemonia burguesa na Bahia*. (dissertação de mestrado). Salvador-BA, UFBA.
- LAFETA, João Luiz. (2000). *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo. Ed.34.
- MASCARENHAS, Dulce. (1977). *Carlos Chiacchio: homens e obras*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. (1992). *Bahia Século XIX: uma província no império*. Rio de Janeiro, Novas Fronteira.
- MICELI, Sergio. (2001). *Intelectuais a brasileira*. São Paulo, Cia. das Letras.
- MICELI, Sergio. (2004). “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo”. *Tempo Social*. Junho.
- PINHEIRO, Heloisa Petti. (2002). *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos*. Salvador, Ed.UFBA.
- RIBEIRO, José Alves. (1929). “Poema Instantâneo”. *Meridiano*, n°1, setembro.
- SAMPAIO, Consuelo Novais (1998). *Partidos Políticos da Bahia da Primeira República*. Salvador, Ed.UFBA.
- SEIXAS, Cid. (1996). *Triste Bahia*. Salvador, EGBA.
- SEIXAS, Cid. (2006). “A poesia de Édison Carneiro redescoberta por Gilfrancisco”. In: SANTOS, Gilfrancisco. *Musa Capenga*. Salvador, EGBA.
- SILVA, Paulo Santos. (2000). *Ancoras da Tradição*. Salvador, Ed. UFBA.
- SOARES, Ângelo Barroso. (2004). *Academia dos Rebeldes: modernismo a moda baiana*. (dissertação de mestrado). Feira de Santana-BA, UEFS.

TAVARES, Luiz Henrique (2001). *História da Bahia*. São Paulo/Salvador, Ed.Unesp/Ed.UFBA.

WILLIAMS, Raymond. (1999). “A Fração Bloomsbury”. *Plural*. n°6.